

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS EM DOIS DIÁLOGOS DE *O FEIJÃO E O SONHO*

Adriana de Souza Ramacciotti¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo sobre a variação oral do português brasileiro, por meio das macro e microanálises de dois diálogos retirados da obra moderna *O feijão e o sonho* (1938), de Orígenes Lessa. Procuramos analisar as variações orais da língua, considerando as variáveis socioculturais e psicológicas das personagens, em situações de comunicação dadas pelo narrador e pelas falas das personagens. Consideramos os diálogos literários como representativos dos registros de falantes da língua, já que o escritor tem muitas vezes preocupação em aproximar as falas de seus personagens à realidade linguística de seu tempo, além de ser capaz de produzir diálogos possíveis na realidade.

Palavras-chave: português brasileiro; variação oral; diálogos literários; *O feijão e o sonho*.

ABSTRACT

The aim of this article is to present a study about Brazilian Portuguese oral language, by the macro analysis and micro analysis of two literary dialogues. The conversational *corpuses* are part of the modern literature book *O feijão e o sonho* (1938), whose author is Orígenes Lessa. We intended to analyze oral language variations by considering literary dialogues as real ones, and characters' psychological and social characteristics as language variation determinant factors. This approach is justified by the fact that literary authors can create direct speech that could be uttered by real speakers.

Key words: Brazilian Portuguese; oral language; literary dialogues; *O feijão e o sonho*.

Introdução

Há três grandes planos de variação linguística: o histórico, que determina variações no tempo; o geográfico, relativo a variações no espaço; e o das modalidades escrita e falada (Preti, 2011: 325). Esses três planos, por sua vez, são cortados por outros dois, os fatores socioculturais e os interacionais, que consistem respectivamente nas características

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa/PUCSP.

dos grupos sociais a que pertencem os falantes e nas situações de comunicação em que ocorrem os atos de fala.

Os fatores socioculturais do falante são idade, sexo, raça, profissão, posição social, grau de escolaridade, local em que reside e classe econômica. Já os interacionais dependem, por exemplo, do tema abordado, da intenção do falante, de quem é o interlocutor, do grau de intimidade entre os interlocutores e da atitude linguística que o falante imagina que tenha seu interlocutor. Conforme adaptação, feita por Preti, à descrição original de Gleason, esses diversos discursos são agrupados em registros, que apresentam escala variada entre o registro formal e o informal (Urbano, 2000: 75).

Se considerarmos que a todas essas variáveis ainda é somado o estado emocional do falante, bem como suas características psicológicas (timidez, por exemplo), perceberemos que os matizes linguísticos relacionados aos atos de fala são incontáveis (Urbano, 2000: 75).

Para estudar as variações da língua falada, seria ideal obtermos gravações de conversas, que configuram *corpus* de primeira mão. No entanto, é difícil adquirir essas gravações devido, por exemplo, à resistência dos falantes em permitir que suas conversas sejam gravadas e analisadas (Preti, 2011: 335).

Dada essa dificuldade, podemos utilizar os diálogos literários para o estudo das variações da língua falada. Esses textos podem representar os registros de falantes da língua em determinada situação de comunicação, já que o escritor, também falante da língua, tem muitas vezes a preocupação em aproximar as falas de seus personagens à realidade linguística de seu tempo (Preti, 1997). Ele incorporou exemplos de ocorrências comuns da variante oral, que ouviu e guardou em sua memória, além de ser capaz de criar diálogos possíveis na realidade.

É importante observar que, se o texto escolhido for moderno ou contemporâneo, o analista tem maior facilidade para usar seu conhecimento de falante na análise.

Nosso objetivo é estudar um pouco da variação oral da língua portuguesa, por meio das macro e microanálises de dois diálogos retirados da obra *O feijão e o sonho* (obra moderna, publicada em 1938), sem preocupação com a questão da verossimilhança do diálogo literário. Esses diálogos serão considerados, na análise, verdadeiros atos de fala, cuja situação de comunicação é dada pelo narrador e pelas falas das personagens.

Corpus

Macroanálise

O enredo de *O feijão e o sonho* se passa em Capinzal-SP e São Paulo, capital, no período da República Velha ou Primeira República Brasileira (de 15/11/1889 a 1930), como se comprova pelo trecho “[...] um povo que tivera Floriano e que **tinha Rio Branco**² [...]”. (grifo nosso, p. 56).

O casal Maria Rosa e Campos Lara são diferentes sob vários aspectos. Ela é uma cabocla de Sorocaba-SP, que não estudou e ocupa função de dona-de-casa e mãe de família. Discute em vários momentos do livro com o marido por causa da falta de dinheiro para o essencial: remédio dos filhos, pagamento de contas domésticas, alimento, etc. Já ele é paulistano, professor (tem uma escolinha para crianças em Capinzal), poeta, folhetinista de jornal e romancista. Pensa, em todos os momentos do dia e da noite, no conteúdo de seus livros, e nunca no dinheiro necessário para o sustento da família:

Um inadaptado, um incapaz para a vida prática. Homem como ele não nascera para o casamento, para a vida do lar. Não tinha jeito para ganhar dinheiro, incapaz de prover às necessidades da família. Maria Rosa tinha razão, quase sempre. Ela era o Bom-Senso. Ele, o Sonho. Nunca vão juntos os dois. (Lessa, 2012: 49-50)

Microanálise

O diálogo que segue refere-se a um momento da história em que Campos Lara deixa os alunos sozinhos no recreio e vai almoçar (a sala de aula, conforme sugerido no livro, é uma dependência da própria casa do professor, em Capinzal-SP). Trata-se de interação comunicativa entre os alunos (crianças de Capinzal) e, posteriormente, entre estes e o professor.

- 1 *Maria Rosa veio avisar.*
- 2 *. Pode soltar os meninos. Tá na hora do recreio. Venha almoçar.*
- 3 *. Podem sair, **meninos**.*

² O Barão do Rio Branco foi ministro das relações exteriores pelo período de 1902 a 1912, ocupando o cargo durante os governos de Rodrigues Alves, Afonso Pena, Nilo Peçanha e Hermes da Fonseca.

- 4 *Uma algazarra encheu a sala. Livros, cadernos pelo ar. Gritaria. Vivas. O*
5. *Quinzinho saiu fechado para cima do Jonjoca.*
6. *Agora **tu me paga**, torresmo derretido! Quem é que é burro?*
7. *É você!*
8. *É a mãe!*
9. *A sua!*
10. ***Xingamento** de mãe eu não consinto!*
11. *Você me **xingou** primeiro!*
12. *Mas eu **xinguei foi** você, não foi a mãe!*
13. *Mas me **xingou**, é o mesmo que xingar a minha mãe. Se eu sou burro, o*
- 14 *que ela é?*
15. *A mãe!*
- 16 *A classe caiu na gargalhada. Os dois se agarraram. Cabelo puxado,*
- 17 *mordidas, cuspo na cara.*
18. *Não vale cuspir!*
19. *Cuspo, sim! Você puxou meu cabelo!*
20. *E você me mordeu!*
- 21 *Os outros atiçavam.*
22. ***Aí! Pega! Esfola! Dá na creca dele! Aí, Jonjoca! Senta a mão na***
- 23 ***nuca**, Quinzinho.*
- 24 *Campos Lara veio ver o que era. Apartam-se os combatentes. Os dez.*
- 25 *ou doze garotos emudecem.*
26. *Que foi? Que barulho é esse?*
- 27 *Ninguém respondeu.*
28. *O que foi, **Haroldo**?*
29. *Eu não reparei, **professor**...*
- 30 *Campos Lara gostou da descrição do aluno predileto.*
31. *Era você, **Quinzinho**?*
32. *Não, **fessô**, foi o Jonjoca que **tava** enjerizando a gente.*
33. *Enjerizou por quê?*
34. *Me **xingou**³³ na aula, eu fui tomar **satisfa**...*
35. *Não é **satisfa** que se diz, menino. É **satisfação**.*
36. ***Pois é**. Ele **amolou eu**, eu fui **vê** se ele sustentava...*
- 37 *Jonjoca pulou para se defender.*
38. *É mentira, **fessô**. Ele é que **vêve**...*
39. *Vêve, não, vive...*
40. ***Pois é**. Ele é que vive inticando com a gente. Eu **chego na aula**, antes*

³ A construção *Me Xingou* não foi analisada como marca de oralidade pelo fato de a colocação pronominal no Brasil vir sofrendo alteração na norma culta escrita. Isso ocorre porque os pronomes oblíquos tendem a perder seu caráter átono em nosso país. Vejamos afirmação de Urbano sobre esse assunto: “Em termos de colocação pronominal na frase, podemos consignar também, no português falado do Brasil, a ausência praticamente total de mesóclise, fato que vai atingindo mesmo a língua culta formal e que, até nela, é sentida como pedantismo.” (Urbano, 2011: 116)

41 do senhor **chegá**, ele começa com provocação. Hoje, o Quinzinho **pinchou**

42 tudo quanto era caderno no meu quintal.

43 Campos Lara ficou sério.

44 . Venha cá, **Quinzinho**. Está certo o que ele disse? É pinchar que se diz?

45 Quinzinho embatucou.

46 . Não sabe, não é? Pois em vez de estarem aqui brigando, vão para a classe estudar.

47 Abriu o livro de leitura, escolheu a lição mais longa, e mandou-os que

48 a ficassem copiando durante o recreio.

49 . Letra boa. Bem caprichada. E se tornarem a brigar, ficarão de castigo

50 depois da aula, por duas horas.

51 Lançou um olhar sério sobre os garotos compungidos.

52 . Tire o dedo do nariz, **Bastião**. Isso é muito feio.

53 E para a classe toda:

54 . Não é pinchar que se diz, é jogar, atirar, lançar... (Lessa, 2012: 25-26)

Destacamos em negrito, no texto, as marcas da linguagem oral encontradas nos diálogos e analisadas a seguir. Como aspectos morfossintáticos, a primeira marca de oralidade identificada no fragmento transcrito é a redução “Tá” (fala de Maria Rosa, linha 2) por “Está”, comum em ambas as variações oral popular e culta. Redução semelhante ocorre em “tava” por “estava” e “vê” por “ver” (falas do aluno Quinzinho, linhas 32 e 36) e “chega” por “chegar” (fala do aluno Jonjoca, linha 40). Essa redução ocorre devido à economia da fala, independentemente de a linguagem ser culta ou não, muito bem explicada por Urbano:

[...] a linguagem falada, que utiliza outros meios que não só os linguísticos (gestos, por exemplo), economiza nestes muitos traços e marcas [...] **em favor da economia, da naturalidade, da simplicidade e da expressividade, a língua oral sacrifica** a concordância, a regência, a ordem; quando não, **sons, sílabas**, palavras e frases. (Urbano, 2011: 103 e 104, grifo nosso)

A seguir, temos aspectos morfossintáticos relacionados exclusivamente à fala dos alunos:

- a construção “tu me paga” (linha 6), mostrando a falta de concordância de verbo com sujeito;
- o uso do pronome “você” (linha 12) pelo mesmo falante de “tu me paga”, evidenciando a mistura dos pronomes “tu” e “você”, para se referirem à 2ª pessoa do discurso;

- a construção .amolou eu. (linha 36), em que se emprega pronome pessoal reto como objeto direto;
- a construção “chego na”, revelando regência verbal “chegar em”;
- uso da expressão de tratamento “a gente”, no lugar de “nós”;
- a construção “eu xinguei foi você” (linha 12), que apresenta o verbo “foi”, empregado como ênfase;
- a repetição do verbo .xingar. (linhas 11 a 13), que, após o uso do substantivo deverbal “xingamento” (linha 10), caracteriza repetição do radical “xing”;
- a redução das palavras “satisfação” e “professor” em “satisfa” (linha 34) e “fessô” (linhas 32 e 38);

A falta de concordância do verbo com o sujeito (“tu me paga”, linha 6) justifica-se pelo fato de as conjugações de segunda pessoa serem pouco faladas e, portanto, pouco ouvidas (o falante fala como ouve). É muito comum, na fala, o uso de “você” no lugar de “tu”. O pronome “você” é uma evolução de “vossa mercê”, que, assim como outras expressões de tratamento (“vossa excelência”, “vossa senhoria” etc), exige conjugação de verbos na 3ª pessoa.

São também pouco usados na fala pronomes pessoais oblíquos, como “o(s)” e “a(s)”. Assim, também são frequentes construções em que pronomes pessoais retos, bastante usuais na linguagem oral, exercem função de objeto direto (“amolou eu”, linha 36).

É comum na linguagem popular o uso da expressão de tratamento “a gente” no lugar de “eu” ou “nós”. Essa expressão, originalmente, significava “as pessoas” e passou a ser usada com o significado de “nós”, causando efeito de distanciamento do falante em relação à fala, mesmo que sem a provável consciência do falante sobre esse efeito.

As ênfases e as repetições são muito comuns na fala pela intenção do falante na explicitação do assunto (Urbano, 2000: 90) ou, como afirma Preti, para “aliviar a taxa informacional do texto” (Preti, 2011: 334). Muitas vezes, as repetições ocorrem pela falta de planejamento, comum na produção do texto falado. As ocorrências “satisfa” e “fessô” correspondem a gírias formadas pela redução das palavras originais (“satisfação” e “professor”).

Como aspecto fonético, encontramos o emprego de “véve” por “vive” (linha 38). A pronúncia “véve” é provavelmente de uso comum por pessoas pouco escolarizadas de Capinzal, no início do século XIX, visto que um barbeiro da cidade, fala do mesmo modo:

Qual, seu doutor. Viver é só em São Paulo! Eu não sei como é que o senhor aguenta Capinzal... Eu, pelo menos, não nasci pra viver num meio destes. Quem nasceu meio poeta, o senhor já viu a modo que eu fiz pra festa de São João?; quem nasceu poeta que nem nós, nunca véve bem na roça... (Lessa, 2012: 61)

Outras marcas da oralidade encontradas nas falas dos alunos são as expressões que incentivam briga (.. Aí! Pega! Esfolá! Dá na creca dele! Aí, Jonjoca! Senta a mão na nuca, Quinzinho; linhas 22 e 23) e o marcador conversacional “Pois é” (linhas 36 e 40).

Campos Lara, diferentemente dos alunos, emprega uma variação culta da língua, próxima à modalidade escrita culta. Usa o futuro do presente do indicativo (“ficarão”) e o futuro do subjuntivo (“tornarem”), geralmente pouco usados na variação popular e produz orações com relação de subordinação, cuidando da correlação verbal entre os tempos: “E se tornarem a brigar, ficarão de castigo depois da aula, por duas horas”. (linhas 49 e 50).

As orações com relação de subordinação são mais raras na fala, devido à dificuldade em se refletir sobre a próprio ato de fala. A causa dessa falta de reflexão é transcrita abaixo:

O falante não se preocupa - nem pode - com o sistema linguístico em si, sendo de seu interesse apenas o efetivo funcionamento e os procedimentos linguísticos suficientes e bastantes para que isso ocorra. Importam a rapidez e a eficaz funcionalidade da expressão.
(Urbano, 2011: 103-104)

Campos Lara também mostra linguagem culta quando emprega a palavra “se” como índice de indeterminação do sujeito (“É pinchar que se diz?”, linha 44), construção pouco usada na fala, em que é comum o uso do pronome “você” para essa indeterminação.

Além disso, o professor emprega verbos no imperativo, sem misturar “tu” e “você” (mistura comum na oralidade): como trata os alunos por “você”, conjuga os verbos na 3ª pessoa do imperativo afirmativo: “Venha cá, Quinzinho.” (linha 44) e “Tire o dedo do nariz, Bastião.” (linha 52). É comum na oralidade, quando se usa o pronome “você” para se referir à 2ª pessoa do discurso, os verbos serem conjugados na 2ª pessoa do imperativo afirmativo, provavelmente porque essa forma vem do presente do indicativo, tempo mais usado na fala do que o presente do subjuntivo, de onde deriva a 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo, usada por Campos Lara.

O emprego de vocativo é marca de afetividade, também comum na fala, e ocorre tanto na linguagem dos alunos, quanto na variação culta do professor: “Podem sair, **menino**” (linha 3); “[...] Aí, **Jonjoca!** Senta a mão na nuca, **Quinzinho.**” (linhas 22 e 23); “O que foi, **Haroldo?**” (linha 28); “Eu não reparei, **professor...**” (linha 29); “Era você, **Quinzinho?** (linha 31); “Não, **fessô,** foi o Jonjoca que tava enjerizando a gente.” (linha 32); “É mentira, **fessô**” (linha 38); “Venha cá, **Quinzinho**” (linha 44); “Tire o dedo do nariz, **Bastião**” (linha 52).

É interessante, no diálogo, a correção que o professor faz da linguagem dos alunos (linhas 35, 39, 54). Os meninos estavam fora da aula, em uma situação de briga no recreio e se comunicaram muito bem usando a variante de seu grupo. Quando o professor afirma que não é daquele modo que se diz, está desvalorizando a linguagem do aluno e considerando a norma padrão a única variação “boa”. Essa visão do professor é provavelmente justificada pelo fato de o estudo das variações linguísticas nas escolas ser defendida atualmente, e não no início do século XX.

Campos Lara, exigindo que, na escola, os alunos falem de acordo com a norma explícita (ou norma padrão), tenta provocar discussão metalinguística. Em um momento em que o assunto da conversa é a briga dos alunos durante o recreio, a metalinguagem causa mudança de *frame*:

. Pois é. Ele é que vive inticando com a gente. Eu chego na aula, antes do senhor chegá, ele começa com provocação. Hoje, o Quinzinho pinchou tudo quanto era caderno no meu quintal. Campos Lara ficou sério.

. Venha cá, Quinzinho. Está certo o que ele disse? É pinchar que se diz? Quinzinho embatucou.

. Não sabe, não é? Pois em vez de estarem aqui brigando, vão para a classe estudar. (linhas 40 a 46)

Os *frames* dão o aspecto dinâmico da conversação e estão ligados à interação verbal. Se o ouvinte não perceber a mudança de *frame*, pode haver problema na comunicação (Preti, 1997: 53), o que não ocorre no fragmento transcrito. Quinzinho, a partir da pergunta “É pinchar que se diz?” ficou sem resposta provavelmente porque a desconhecia, e não porque não houvesse entendido à pergunta (a fala seguinte de Campos Lara comprova essa afirmação: “Não sabe, não é?”). Em uma escola, é comum o professor usar assuntos do dia a dia (no caso, as falas das crianças a respeito de uma briga) para levar os alunos à reflexão linguística, e estes sabem disso.

A fala “Tire o dedo do nariz, Bastião. Isso é muito feio.” (linha 52) também revela mudança de *frame*. Além de revelar que Bastião estava com o dedo no nariz, essa fala é entendida pelo papel do educador atento, que não deixa de chamar à atenção qualquer atitude inadequada dos alunos, seja linguística ou comportamental. Quando Campos Lara afirma para a classe toda “Não é pinchar que se diz, é jogar, atirar, lançar...”, há nova mudança de *frame* e volta ao tópico discursivo anterior, relacionado ao uso da palavra “pinchar”.

O emprego de sinais de exclamação são marcas de expressividade no texto e mostram o estado emocional dos falantes. Predominam nas falas que mostram raiva durante a briga (linhas 6 a 20) e envolvimento e incentivo ao desentendimento entre os colegas (linhas 22 e 23). O emprego desse sinal de pontuação está ligado à função emotiva da linguagem:

A linguagem falada revela, sob o ângulo das funções linguísticas de Jakobson, um duplo caráter: é individual e social. Predominam nela as funções emotiva, de um lado, e apelativa, de outro. Quanto à primeira, vimos traduzir-se frequentemente nas exclamações, nas interrupções de hesitações etc. [...] (Urbano, 2000: 103)

O diálogo seguinte mostra que Campos Lara altera a variação linguística, quando se muda a situação de comunicação. No trecho que segue, o professor está excessivamente bravo com uma calúnia em que foi envolvido, por moradores de Capinzal, contra o padre da cidade. A conversa ocorre à porta da farmácia da cidade, onde todos os envolvidos estão reunidos, e Campos Lara vai tirar satisfações. As palavras, as expressões ou os trechos analisados foram destacados no diálogo transcrito:

- 1 ‘Mas o que há’, perguntou o padre, como se nada soubesse.
- 2 ‘É simples’, disse Campos Lara. ‘Esse **homenzinho** criou uma porção
- 3 de calúnias...’
- 4 ‘Contra mim?’
- 5 ‘Contra o senhor ou contra mim, não sei bem. Sei que ele me fez autor
- de
- 6 uma porção de misérias em que envolveu seu nome. E eu quero agora
- que
- 7 ele **sustente**, se é homem...’
- 8 ‘O senhor está me insultando, doutor!’
- 9 ‘É engraçado... Eu estou insultando você, **não é?**’
- 10 E como se a assembleia estivesse com ele:
- 11 ‘Esse **cachorrinho vai agora sustentar, se for homem**, o que disse

- 12 contra mim...’
 13 ‘Cachorro, não senhor! Veja lá o que diz! Eu não admito que o senhor me
 14 ofenda!’
 15 ‘Está bem. **Este cavalheiro, este nobre cavalheiro...**’
 16 O Luís Drogueiro sorriu, mostrando haver apanhado a ironia, satisfeito com
 17 a entalada em que o amigo se metera.
 18 ‘Este Chico Matraca’, prosseguiu Lara ‘**vai sustentar** agora o que
 19 disse!’
 20 ‘Mas eu não disse nada!’
 21 ‘Ah! Você também não disse nada? Então ninguém disse?’
 22 ‘Ninguém...’, apressou-se a dizer o Oficial. (Lessa, 2012: 135)

A variação da linguagem de Campos Lara continua próxima à norma culta, no que se refere, por exemplo, ao uso de tempos do subjuntivo: “E eu quero agora que ele sustente” (linhas 6 e 7) e “Esse cachorrinho vai agora sustentar, se for homem” (linhas 11 e 12). A locução verbal “vai sustentar” (linhas 11 e 18) é mais usada na oralidade do que o futuro do presente do indicativo (sustentará), que ocorre “esporadicamente na linguagem coloquial” (Urbano, 2011: 114). Como o futuro do presente é pouco usado, o falante conjuga com mais facilidade a locução formada pelo verbo “ir” no presente do indicativo e verbo principal no infinitivo.

Nota-se, também como marca da oralidade, a presença de marcadores conversacionais (“não é”, linha 9 e “Ah!”, linha 21) e uma maior liberalidade quanto ao léxico, em relação à variação usada na conversa com os alunos, analisada anteriormente. O professor emprega, para se referir ao suposto caluniador, palavras que o desvalorizam, ora empregando o diminutivo (“Esse homenzinho”, linha 2), ora usando palavras de xingamento (“Esse cachorrinho”, linha 11), ora sendo irônico (“Este cavalheiro, este nobre cavalheiro”, linha 15). É interessante observar que o pronome demonstrativo, antes do nome, também desvaloriza o referente nos exemplos anteriores e em “Este Chico Matraca”(linha 18).

O estado emocional de Campos Lara, que está bravíssimo por ser injustamente caluniado, ganha expressividade com as reticências, que traduzem função emotiva, mostrando “interrupções de hesitações” (Urbano, 2000: 103):

‘É engraçado...’ ‘Eu estou insultando você, não é?’ (linha 9)

‘Esse cachorrinho vai agora sustentar, se for homem, o que disse contra mim... (linhas 11 e 12)

‘Está bem. Este cavalheiro, este nobre cavalheiro...’ (linha 15)

Conclusões

Procuramos analisar as variações orais da língua, considerando as variáveis socioculturais e psicológicas das personagens, em situações de comunicação dadas pelo narrador e pelas falas das personagens. Encontramos mais marcas morfossintáticas do que fonéticas da oralidade, o que não foi discutido porque não era nossa intenção trabalhar com a verossimilhança do diálogo literário.

Percebemos que os alunos de Campos Lara usaram uma variação com mais marcas de oralidade do que seu professor e não variaram seu modo de falar quando o interlocutor variou (próprios colegas ou o professor). Isso porque crianças em ciclo fundamental I (nomenclatura atual) - nível escolar inferido pelo analista porque consiste no momento em que os alunos têm apenas um professor - normalmente dominam apenas um registro, o de seu grupo social (família, amigos), e o levam para qualquer situação de comunicação.

É na escola que entrarão em contato com a norma culta, como exemplifica o diálogo. Estudamos o mesmo personagem (Campos Lara) em busca de variação linguística em mais de uma situação de comunicação. Percebemos que ele varia pouco sua linguagem, provavelmente pelo seu papel de professor, que cuida para falar linguagem culta na escola (local em que se ensina a norma culta) e fora dela. Campos Lara mostra maior liberalidade quanto ao léxico na situação em que está excessivamente bravo com a calúnia em que foi envolvido por moradores de Capinzal, mas, mesmo nesse contexto, os aspectos sintáticos de sua linguagem são praticamente os mesmos da variação culta usada no diálogo com os alunos.

Referências bibliográficas

LESSA, Orígenes. *O feijão e o sonho*. 56 ed. São Paulo: Global, 2012.

PRETI, Dino. Mas, como devem falar as personagens literárias? *Revista da ANPOLL* 3. São Paulo, Humanitas Publicações FFLCH/USP, v. 1, nº 3, p. 43-61, 1997. Fonte: www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/issue/view/16. Acessado em 25/05/2013.

PRETI, Dino. A propósito do estudo da variação linguística falada, por meio de textos escritos. In: PRETI, Dino (org). *Variações na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2011.

URBANO, Hudinilson. *A frase na boca do povo*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *Oralidade na literatura (o caso Rubem Fonseca)*. São Paulo: Cortez, 2000.